

## Resenha do livro “A palavra que resta”



GARDEL, Stênio. **A palavra que resta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

**Sílvia Nilcéia Gonçalves**

Universidade Federal de Pelotas – UFPel – Pelotas/RS – Brasil  
silviangoncalvespoa@gmail.com

**Para citar esta resenha:**

GONÇALVES, Sílvia Nilcéia. Resenha do livro “A palavra que resta”. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 26, n. 61, p. 404-410, maio/ago. 2025.

**DOI: 10.5965/1984723826612025404**

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723826612025404>

*A palavra que resta* é um livro em que as palavras são duras e ferem como pedras. É um livro difícil de processar, tamanha a brutalidade da vida nele revelada. Ao mesmo tempo, as palavras se revelam profundamente sensíveis, o que também nos atinge em cheio: linguagem repleta de lirismo que transborda em emoção e sentimento quando nos aproximamos de Raimundo, personagem principal, cuja narrativa revela seu breve romance com Cícero na juventude; seu analfabetismo e desejo em aprender a ler, sua busca por compreender a si mesmo, conquistando um lugar digno no mundo, em uma vida inteira marcada pelo preconceito.

A possibilidade de acompanharmos suas inquietações, preconceitos sofridos e descoberta de um amor tão verdadeiro nos coloca em xeque com nossos próprios julgamentos. Como é possível não torcer pelos dois? Como não reconhecer o amor ali – independente de terem o mesmo sexo? Nesse sentido, o romance é educativo e necessário.

*A palavra que resta* é um livro com uma escrita repleta de dualidades: não há vilões. Os mesmos que se revelam brutos e insensíveis, em outros momentos, se mostram nus em sua fragilidade e transformados em sua essência. A linguagem ora é dura e seca ao retratar a falta de palavra, como dura é a vida no interior nordestino; ora se desdobra em imagens alicerçadas no movimento da água e da fertilidade da terra ao mostrar a potência do amor e do entendimento. A narrativa se fragmenta em passado e presente, nos conduzindo pela vida e lembranças do narrador e é, também, uma escrita significativa tanto pela temática que aborda, como pela forma com que é escrita – forma e conteúdo se abraçam, se fortalecem, como toda a dualidade apresentada no livro: está ali de forma intencional para dar mais força ao que precisa ser dito.

Outro destaque a ser feito é um profundo respeito ao narrador, recém alfabetizado, vindo de uma vida dura de trabalho onde falta ou é calada a palavra. Ao capturar o fluxo de pensamento de Raimundo, registrado em seu caderno, este se revela inábil com a forma convencional de escrita – expressa através da ausência da letra maiúscula nas frases e em quebra de parágrafo inexistentes. Mas seu conteúdo é profundo e repleto de indagações e reflexões extraordinárias mostrando-nos que, assim como o amor não pode ser limitado pelo gênero, também uma pessoa não pode ser limitada por ser analfabeta ou por ter pouca educação. Da mesma forma que há um descompasso entre o dentro e o fora, entre

o que esperam de Raimundo e o que ele sente como homem, também há o que consegue dizer (fora) e o que pensa (dentro). E é com a ajuda de Suzzanný, personagem também excluída, mas que se permite dizer sua palavra, e com o estudo – aos 71 anos, quando aprende a ler – que consegue juntar seus pedaços, fragmentos de vida, dores sofridas e encontrar seu lugar no mundo.

A história é de autoria de Stênio Gardel, nascido em Limoeiro do Norte, interior do Ceará, em 1980. Stênio é formado em Engenharia Civil, servidor público no Tribunal Eleitoral do Ceará e especialista em Escrita Literária. *A palavra que resta* foi seu romance de estreia, tendo sido escrito durante o Ateliê de Narrativas, ministrado pela escritora Socorro Aciole, em Fortaleza, em 2016. Foi publicado em 2021, pela Companhia das Letras. Em 2023, a versão de seu livro para o inglês (*The Words that Remain*), feita por Bruna Dantas Lobato, recebeu o prêmio de melhor obra traduzida, da *National Book Award*, um dos prêmios de literatura mais tradicionais dos Estados Unidos. No evento de premiação, Stênio declarou: “Crescendo como um garoto gay no sertão do Nordeste brasileiro, era impossível para mim pensar em sonhar com tamanha honra, mas por estar aqui esta noite, como um homem gay, recebendo essa honraria pelo livro sobre a jornada de outro homem gay se aceitando, eu gostaria de dizer a todas as pessoas que já se sentiram erradas a respeito de si mesmas, que o coração e o desejo de vocês são reais, e vocês são merecedores, como todos os outros, de uma vida plena e de alcançar sonhos impossíveis”.<sup>1</sup>

No romance, além de dar visibilidade ao relacionamento homoafetivo, Stênio também toca em uma ferida aberta da educação brasileira: o analfabetismo. Em entrevista dada à Revista Piauí<sup>2</sup>, ele diz que a visão de pessoas analfabetas impotentes diante de um escrito ficou revirando na sua mente por anos. Foi durante o trabalho de atendimento ao público em um cartório que se deparou com inúmeras cenas de pessoas constrangidas ao assinarem seus documentos com suas digitais – criando momentos de tensão em que podia imaginar que estavam revivendo suas vidas, pensando na educação a que não tiveram acesso e na possibilidade de escrever. A obra já teve seus direitos vendidos para versões para o teatro e o cinema. Traduções em países europeus também estão em curso.

---

<sup>1</sup> <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/11/16/escritor-cearense-stenio-gardel-e-vencedor-do-national-book-awards-nos-eua.ghtml>

<sup>2</sup> <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/stenio-gardel-o-primeiro-brasileiro-a-ganhar-o-national-book-award/>

O livro é composto por quatro partes. Cada parte possui capítulos intitulados com palavras curtas, dando também a ideia da palavra que resta em cada um deles: *Carta, Parede, Cruz, Caminho, Poente, Chuva, Costela, Casa, Rio, Deserto...* Na primeira parte, conhecemos Raimundo, homem já vivido que busca a escola noturna para se alfabetizar. A assinatura em seu novo RG (Registro Geral) é sua primeira conquista, mas o que almeja mesmo é a leitura de uma carta que guarda consigo em sua caixa de sapatos, junto às fotos de seus pais e à sua certidão de nascimento. Sempre quisera aprender a ler, “mas o pai lhe dizia que a letra era para menino que não precisava encher o próprio prato” (p. 11).

Na segunda parte, com a descoberta de seu romance, é intimado a fazer escolhas. Mas não há caminho fácil: negar sua natureza e fingir uma vida com uma mulher; assumir sua sexualidade e ser expulso ou morto; ou escolher entre ser espancado até a morte pelo pai ou se jogar ao rio... Na terceira parte, acompanhamos a trajetória de Raimundo, expulso de casa pela mãe: *Ra-imundo*. Acaba virando descarregador de caminhão, pois a falta de estudo não lhe possibilitava outro trabalho; envergando suas costas, as mesmas que foram surradas por seu pai, reforçando o peso da cruz que carregava. Suas idas furtivas a prostíbulos masculinos e uma vida inteira se escondendo de si mesmo o convencem de sua imundície. Mas, no final, acaba se tornando *Rai-mundo*: costureiro e senhor de si. E para fechar esse ciclo de autoconhecimento e perdão, supera sua vergonha e vai à escola aprender a ler para, enfim, descobrir o que guarda a carta escrita por Cícero. Finalmente, na parte quatro, temos o desfecho da história, com Raimundo juntando todas as pontas de sua história.

A palavra que sobra na história é a exclusão causada pela homofobia e pelo analfabetismo. O sentimento é calado, a palavra é ausente, falta ou é proibida – pela brutalidade da vida. Mas, Raimundo aprende com a professora Ana que “na poesia uma palavra diz muito mais do que diz, é a palavra que se estica então, isso sim, onde a palavra sozinha não vai, com a poesia vai” (p. 59). E assim a palavra estica os horizontes de quem dela se use.

É aprendendo a ler que Raimundo vai organizando sua vida e se constituindo como homem, cidadão de direitos. É com seu caderno, registrando suas lembranças que vai se curando das feridas da vida – a escrita lhe dá a liberdade! É pensando sobre o vivido,

questionando o mundo e a si mesmo que vai encontrando as respostas que precisa para dar um outro sentido a sua vida.

Aqui, aprender a ler e escrever é aprender a se inscrever no mundo – exterior e interior. Quando escreve seu nome completo: Raimundo Gaudêncio de Freitas, não está apenas tomando posse das letras que o compõem, não é da técnica que se está falando, mas do sentido: “Raimundo não foi difícil. Complicado era Gaudêncio, denso de saudade, as cinco vogais e acentuado. Freitas era feito de sangue” (p. 11). Sempre fora Raimundo, mas Gaudêncio só quem o chamou pelo segundo nome foi Cícero e com ele estava completo, assim como estão as vogais em sua composição. E Freitas trazia consigo o sangue da morte do tio, o sangue das surras do pai, a ferida que nunca se fechou, o amor que nunca resgatou.

A quantos brasileiros ainda negamos o direito de dizer suas palavras? Quantos brasileiros ainda relegamos a uma cidadania de segunda classe – impedidos de terem uma vida digna, pela falta de estudos e, com isso, consciência de seus direitos e melhores condições de trabalho e a de uma vida plena, de posse de tudo o que a leitura e a escrita podem trazer à vida das pessoas, à completude do humano?

A palavra que resta é a esperança – no livro depositada na carta. A palavra escrita pode conter as respostas de toda uma vida: pode curar o coração, a alma e garantir acesso a uma compreensão maior de nossa existência. E é ela quem faz nosso personagem seguir vivendo, dia a dia, suportando as sombras que carrega dentro de si. Ao escrever e entregar a carta a Raimundo, Cícero lhe garante um futuro.

Se é bem verdade que só o estudo não garante uma vida melhor, sem ele, as oportunidades são menores, a vida é menor. Sem a palavra, o pensamento falha, falta, fere; pesa e silencia. Além disso, na trajetória de Raimundo, acompanhamos o imprescindível papel da escola na vida dos enjeitados pela sociedade: é a escola quem acolhe todos – travestis, gays, cadeirantes, mulheres proibidas de estudar por seus maridos, trabalhadores suprimidos do direito ao estudo, devolvendo-lhes dignidade. Lá podem ser quem são; dançam e celebram a vida nas festas, sem julgamentos; aprendem o poder e as possibilidades que a palavra tem. A leitura e a escrita na escola não estão restritas a habilidades escolares, mas tornam-se ferramentas de reconstrução pessoal e libertação emocional.

A obra nos mostra que é possível descobrirmos quem somos por meio da palavra: permite a revelação daquilo que foi silenciado por anos; permite estabelecer conexões; permite revisitar o passado e sair transformados dessa incursão. A carta fica fechada por décadas, carregando tanto a dor como a possibilidade de cura; quando lida, passa a ficar aberta e disponível aos olhos de todos, porque já cumpriu sua missão: resgatou uma vida das sombras, dos esconderijos, dos buracos, dos tijolos; vida que esteve em meio ao turbilhão das águas revoltas de um rio capaz de afogá-lo, mas que depois dessa travessia pela escrita pode afagá-lo.

Se a cruz ou a flor de papoula amarela com centro vermelho marcam o lugar de uma vida perdida e de encontros e desencontros de um amor proibido, estas são consumidas pelo tempo, desaparecem! Mas a vida que vai sendo narrada e compreendida por meio das palavras na escrita do caderno ou da carta fica e pode ser compartilhada através do tempo, permitindo tanto a (re)constituição de uma existência (legitimando uma vida e a reconstruindo através de lembranças e reflexões), como sendo capaz de abrir a possibilidade para que outras vidas possam viver com maior liberdade. Ao colocar sua história no papel, sai do apagamento ao qual a sociedade submete analfabetos, excluídos, gays, travestis. A escrita é um ato de resistência.

É através da escrita que Raimundo dá forma a sua história pessoal, com sua voz, com suas palavras. Consegue confrontar seu passado sem culpa, com acolhimento e compreensão. O caderno vira seu confidente. Sua vida errante e seu desejo deixam de ser errados. Seu sentimento deixa de ser reprimido e pode quebrar o silêncio de uma vida.

Para nós, professores que lidamos com tantas vidas como as de Raimundo ou com crianças e famílias que vivem à margem da sociedade, podemos ver na obra de Gardel a força revolucionária da palavra – dita ou pensada, da escuta e da escrita. A escola, muitas vezes, tem sido o único lugar de acolhimento e possibilidade de transformação dessa população, o que nos invoca a pensar no importante papel da educação e de uma alfabetização que ensine para além da mecânica das letras; que ensine a leitura e a escrita como possibilidade de inscrição de si no mundo, como elemento de autoconhecimento e reconhecimento ao direito de existir e viver neste mundo de forma digna e plena.

## Referência

GARDEL, Stênio. **A palavra que resta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Recebido em: 19/02/2025

Aprovado em: 29/03/2025

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 26 - Número 61 - Ano 2025

revistalinhas@gmail.com